BOLETIM

Ano 2 | Edição 13 | Novembro de 2021

OBSERVA COVID
Análise de Modelos e Estratégias de Vigilância em Saúde da Pandemia da COVID-19 (2020-2022)

INDICADORES HOSPITALARES E CARACTERÍSTICAS DE PACIENTES DE COVID-19 INTERNADOS NO INSTITUTO COUTO MAIA – SALVADOR/BAHIA

Neste boletim, são apresentadas duas séries de análises preliminares acerca das características sociodemográficas e clínicas de pacientes de Covid-19 internados no Instituto Couto Maia (ICOM), centro de referência de atendimento a casos de doenças infecciosas na Bahia.

Da primeira série, constam análises relativas a indicadores hospitalares, incluindo o número de casos por sexo e faixa etária, testados e confirmados, desde o primeiro caso de Covid-19 que deu entrada no ICOM, em 23 de março de 2020, até aqueles internados em 30 de setembro de 2021. Constam também análises sobre o tempo médio de permanência e a taxa de letalidade. Essas análises foram realizadas com base em dados repassados pelo setor de informações do ICOM.

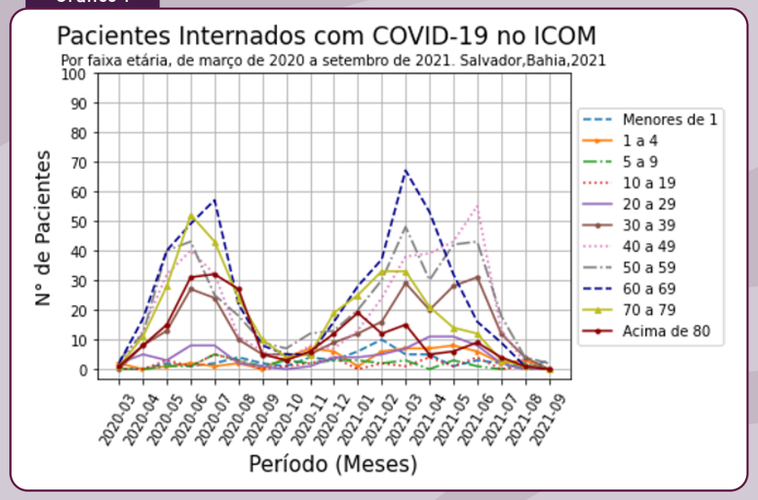
Da segunda série, constam análises sobre características sociodemográficas e perfil clínico de pacientes que evoluíram para o óbito, durante o período de internação, ao longo de 2020. Para essas análises, foram utilizados registros feitos no RedCap a partir da coleta de dados em prontuários eletrônicos.

INDICADORES HOSPITALARES RELATIVOS A PACIENTES DE COVID-19 INSTITUTO COUTO MAIA, SALVADOR-BAHIA, MARÇO DE 2020 A SETEMBRO DE 2021

O Instituto Couto Maia recebeu o primeiro paciente de Covid-19 no dia 23 de março de 2020, chegando, no dia 30 de setembro de 2021, a 1.708 pacientes internados. Desse total, 967 (66,6%) eram do sexo masculino e 741 (33,4%) do sexo feminino. No que se refere às faixas etárias, 710 (41,5%) pacientes tinham 60 anos ou mais. Cerca de dois terços do total, 1.132 pacientes, tiveram alta, mas um terço, ou 576 pacientes, evoluiu para o óbito.

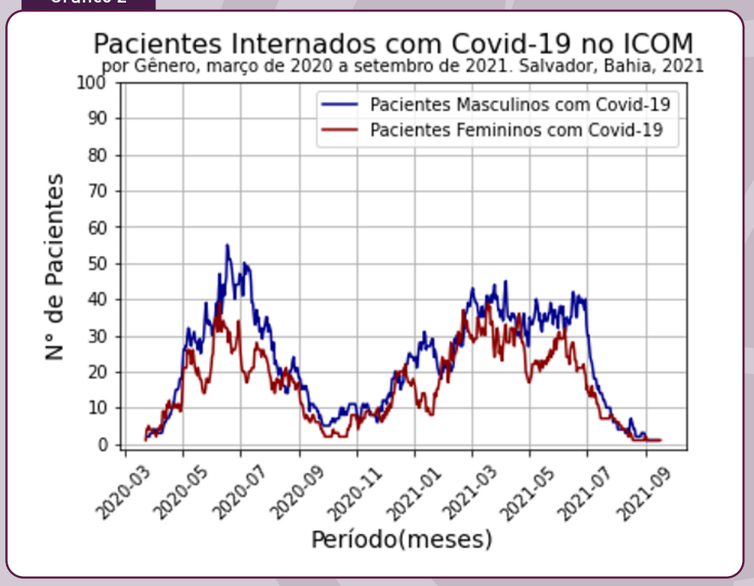
O gráfico 1 abaixo mostra a evolução temporal da quantidade de pacientes internados no ICOM por faixa etária. Claramente, percebe-se a existência de dois picos de internação, os quais coincidem com os períodos dos picos da pandemia ocorridos no Brasil. Na primeira onda, em geral, o número de pacientes internados é maior nas faixas etárias mais altas. Entretanto, no segundo pico, o número de pacientes com mais de 70 anos internados é significantemente menor, em comparação com o primeiro pico. Por outro lado, para as demais faixas etárias, mais claramente de 40 a 49 anos, há um aumento do número de pacientes internados quando comparamos os dois picos de internação. Possivelmente, tal diferença entre as duas ondas se deve ao efeito da vacinação que se iniciou pelas pessoas mais velhas.

Gráfico 1



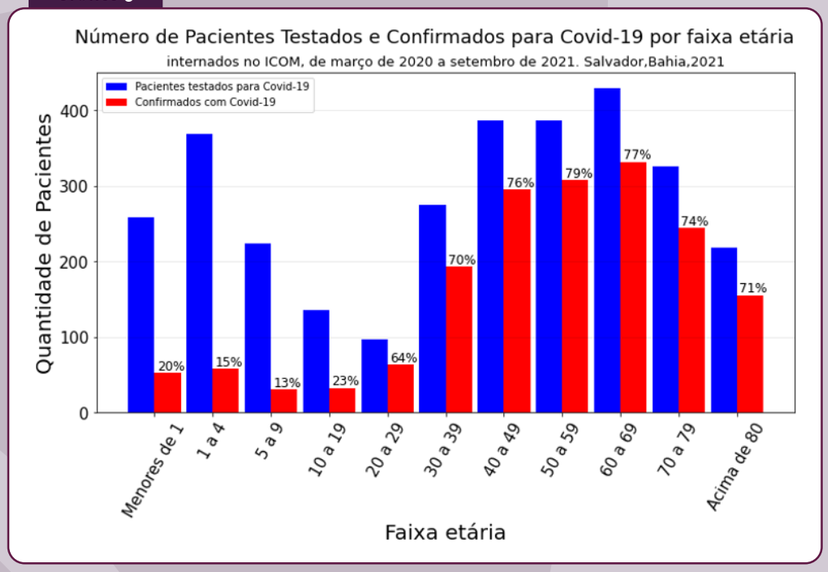
Quando se estratifica o total de pacientes internados por sexo, vê-se que a quantidade de pacientes do sexo masculino é sistematicamente maior do que a de pacientes do sexo feminino em todo o período analisado. Nota-se que, a partir de julho de 2021, o número de pacientes internados cai drasticamente, voltando a crescer em dezembro e a cair novamente em julho de 2021. Percebe-se ademais que a duração em meses do primeiro pico é menor do que o segundo pico.

Gráfico 2



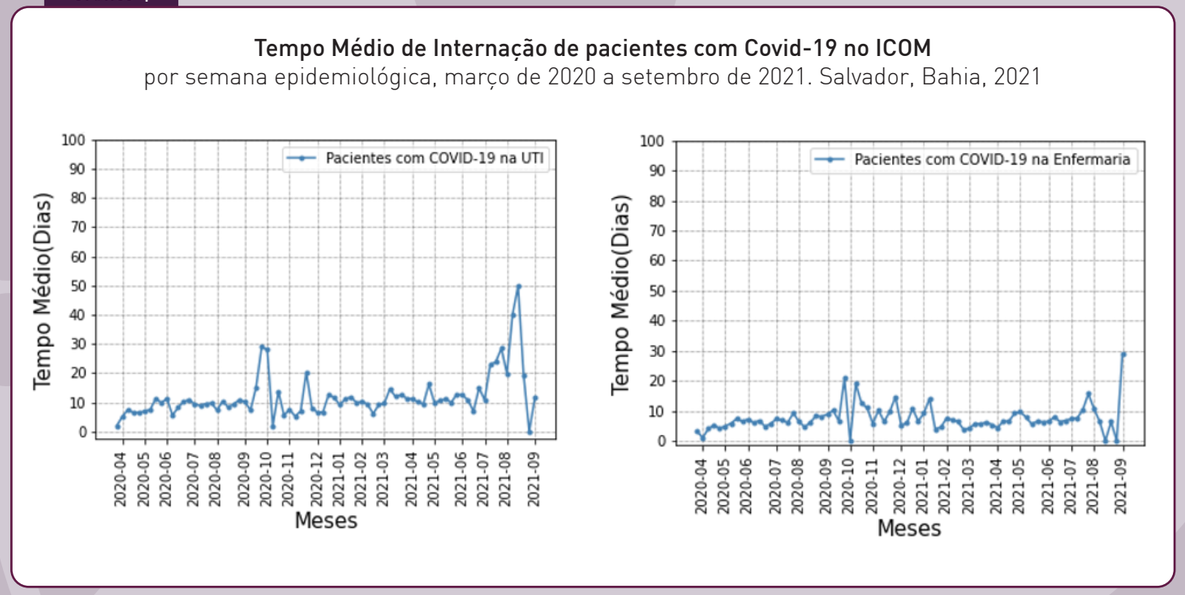
O gráfico 3 mostra a proporção de pacientes que tiveram a infecção confirmada por meio do RT-PCR no total de pacientes testados para Covid-19, por faixa etária. Vê-se que os pacientes menores de 19 anos apresentam proporções significativamente menores de testes positivos, quando comparados aos maiores de 20 anos. Assim, enquanto a faixa etária de 5 a 9 anos apresentou 13% de casos confirmados por RT-PCR, entre os pacientes de 60 e 69 anos, 77% testaram positivo para Covid-19.

Gráfico 3



O tempo médio de permanência (TMP), seja na enfermaria, seja na UTI, manteve-se, de modo geral, constante ao longo do período analisado, mesmo durante os picos de internação. Na UTI, o TMP foi de 10 dias, enquanto na enfermaria foi de 9 dias. As flutuações observadas em agosto e outubro de 2020 e de 2021 estão associadas ao baixo número de pacientes internados nesses dois períodos.

Gráfico 4



Como se vê no gráfico abaixo, a taxa de letalidade, calculada pela média móvel de sete dias, decresceu entre os meses de abril e novembro de 2020, passando a crescer a partir de dezembro de 2020 e voltando a decrescer lentamente a partir de fevereiro de 2021. Vale registrar que, entre agosto e setembro de 2021, o pequeno número de internações e óbitos no ICOM exige que se tenha muita cautela na interpretação da taxa de letalidade, embora não comprometa a interpretação da evolução decrescente da taxa ao longo do período. Comparando essa evolução por sexo, observa-se que a taxa de letalidade entre os homens é sistematicamente maior do que entre as mulheres durante quase todo o período de análise, com exceção dos primeiros três meses da pandemia e dos meses de março e abril de 2021.

Gráfico 5

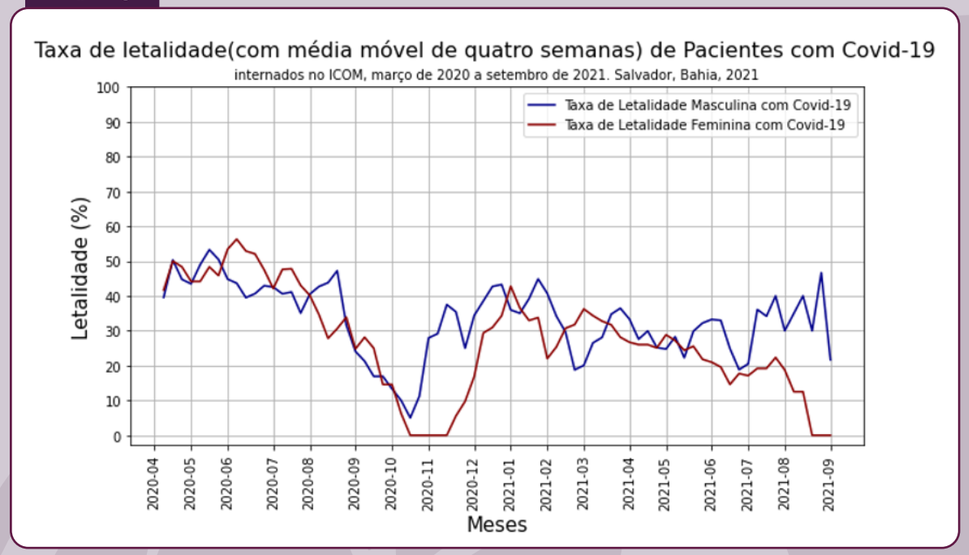
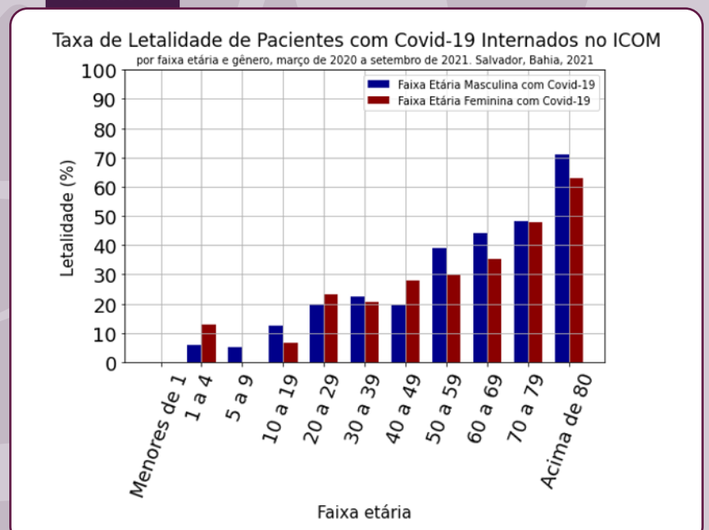


Gráfico 6



As taxas de letalidade crescem com o aumento da idade, iniciando-se em aproximadamente 10% para menores de 20 anos, passando a 20% na faixa dos 20 aos 49 anos, a 40% em pacientes acima de 50 anos e chegando a quase 70% para pessoas com 80 anos ou mais. Constata-se ainda que a taxa de letalidade feminina é maior para as faixas etárias de 1 a 4 anos, 20 a 29 e 40 a 49. Para as demais faixas etárias, a taxa de mortalidade masculina é maior.

CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS E PERFIL CLÍNICO DE PACIENTES DE COVID-19 INTERNADOS NO ICOM EM 2020

A seguir, são descritas as características sociodemográficas e o perfil clínico de pacientes internados no ICOM ao longo de 2020. Sequencialmente, são apresentados dados relativos a 617 pacientes que constituem a totalidade de casos que evoluíram para o óbito e 408 pacientes que tiveram alta ou foram transferidos, representando 50,4% do total de altas hospitalares e transferências.

Assim, de um total de 617 óbitos de pacientes internados por Covid-19 no ICOM, em 2020, 350 (57%) foram de homens e 267 (43%) de mulheres. A média de idade foi de 63 anos e a mediana de 67. A grande maioria (483 pacientes, 78%) tinha a raça/cor da pele parda. Um terço (33%) dos pacientes era casado, 29% solteiro e 18% viúvo. Pouco mais da metade morava em Salvador (55%), com os demais (45%) tendo residência no interior do estado. Mais da metade tinha o ensino fundamental ou menos (56%) e era aposentada (54%). Três quartos dos pacientes tinham renda de até três salários mínimos.

Das 408 altas e transferências, 235 (57,6%) foram de pacientes do sexo masculino, 167 (40,9%) do sexo feminino e seis (1,5%) de sexo ignorado. A média de idade foi de 52 anos e a mediana de 54. A grande maioria (323 pacientes, 79%) tinha a raça/cor da pele parda. Mais de um terço (34%) dos pacientes era casado, quase um terço (32%) solteiro e 18% viúvo. Moravam em Salvador 276 pacientes (68%), com os demais tendo residência no interior do estado. Quase metade (49%) tinha o ensino fundamental ou menos e 44% tinha ensino médio ou superior. Quanto à ocupação, um quarto dos pacientes era aposentado e 20% eram trabalhadores informais. A grande maioria (71%) tinha renda de até três salários mínimos.

Entre os pacientes que faleceram, os sintomas mais comuns foram: dispneia, constatada em 72% do total de 617 pacientes, tosse (61%), febre (56%), desconforto respiratório (56%) e alterações neurológicas (24%). Também foram frequentes: mialgia (10,5%), diarreia (10%) e falta de apetite (9,5%). O tempo de início dos sintomas, no momento da internação, teve mediana de seis dias, com intervalo interquartílico (Q1-Q3) de três a dez dias.

Entre os pacientes que tiveram alta ou foram transferidos, os sintomas mais comuns foram: tosse, constatada em 76% do total de 408 pacientes, dispneia (68%), febre (68%) e desconforto respiratório (50%). Também foram frequentes: cefaleia (25%), mialgia (24%), diarreia (19%), disnosmia/anosmia (17%), disgeusia/ageusia (14%), alterações neurológicas (13%), falta de apetite (13%) e dor torácica (12%). O tempo de início dos sintomas, no momento da internação, teve mediana de sete dias, com intervalo interquartílico (Q1-Q3) de quatro a dez dias.

Dentre os pacientes que evoluíram para o óbito, no que se refere aos exames complementares, 560 pacientes (91%) fizeram o RT-PCR, a maioria tendo material coletado por swab naso-orofaríngeo. Os resultados foram positivos em 69% dos exames. Quase todos os pacientes fizeram oximetria, glicemia capilar, hemograma, exames relativos à função renal e à função hepática, entre outros exames. A tomografia computadorizada foi feita no momento de admissão por 56% dos pacientes, com resultado sugestivo de Covid-19 em 77% dos casos.

Dentre os pacientes que tiveram alta ou foram transferidos, 405 pacientes (99,3%) fizeram o RT-PCR, a maioria tendo material coletado por swab naso-orofaríngeo. Os resultados foram positivos em 69% dos exames. Quase todos os pacientes fizeram oximetria, glicemia capilar, hemograma, exames relativos à função renal e à função hepática, entre outros exames. A tomografia computadorizada foi feita no momento de admissão por 87% dos pacientes, com resultado sugestivo de Covid-19 em 86% dos casos.

Do total dos 617 pacientes que evoluíram para óbito, 91% foram internados, desde a admissão no ICOM, em leitos de UTI. E praticamente todos (99%) fizeram uso de suporte respiratório, dos quais mais da metade (53%) do tipo invasivo.

Dos 408 pacientes que tiveram alta ou foram transferidos, 61% foram internados em leitos de enfermaria e apenas oito pacientes (2%) em UTI, faltando informações sobre o tipo de internamento para 153 pacientes (37,5%). Quase 70% dos pacientes precisaram de suporte ventilatório, sendo 60% das vezes do tipo não-invasivo.

No que tange a fatores de risco e comorbidades, foram mais comuns, entre os que foram a óbito, os casos de hipertensão arterial (62% de 617 pacientes), diabetes mellitus (44%), doença cardiovascular crônica (22%), tabagismo (22%), obesidade (18%), etilismo (17%), doença neurológica crônica (13%) e doença renal crônica (12%).

Entre os 408 pacientes que tiveram alta ou transferência, foram mais comuns os seguintes fatores de risco ou comorbidades: hipertensão arterial (50%), diabetes mellitus (26%), obesidade (23%), doença cardiovascular crônica (22%), etilismo (17%), tabagismo (15%), doença renal crônica (8,6%) e doença neurológica crônica (6,4%).

Durante as internações, os pacientes que evoluíram para o óbito utilizaram, principalmente, os seguintes medicamentos: anticoagulantes (86% dos 617 pacientes), ceftriaxona (76%), azitromicina (76%), corticóides (73%) e oseltamivir (41%). A ivermectina foi usada por 5% dos pacientes e a cloroquina por 2%.

Já os pacientes que tiveram alta ou foram transferidos utilizaram, principalmente, os seguintes medicamentos durante as internações: anticoagulantes (92% dos 408 pacientes), ceftriaxona (76%), azitromicina (73%), corticóides (41%) e oseltamivir (33%).

Nos pacientes que faleceram, foram muito frequentes complicações associadas à Covid-19: a injúria renal aguda acometeu 255 pacientes (41%), o derrame pleural acometeu 89 pessoas (14%), o pneumotórax 32 (5%) e outras complicações não-infecciosas atingiram 380 pacientes (62%). Além disso, complicações infecciosas ocorreram em 379 pessoas (61% do total de 617).

Nos pacientes que tiveram alta ou transferência, foram muito frequentes complicações associadas à Covid-19: o derrame pleural acometeu 101 pessoas (25%) e a injúria renal aguda acometeu 25 pacientes (6%). Outras complicações não-infecciosas atingiram 56 pacientes (14%) e complicações infecciosas ocorreram em 52 pessoas (13% do total de 408).

Finalmente, no encerramento dos casos, 85% dos pacientes falecidos tiveram confirmado o diagnóstico de Covid-19 por critério clínico-epidemiológico, 72% por exame laboratorial e 41% por critério radiológico. Dentre as altas e transferências, 99,5% dos pacientes tiveram confirmado o diagnóstico de Covid-19 por exame laboratorial, 97,8% por critério clínico-epidemiológico e 70% por exame radiológico.

Equipe de pesquisadores/as responsável pelo conteúdo do boletim:

Acácia Mayra Pereira de Lima, Aléxia Rodrigues Teixeira, Ana Beatriz Lira, Áurea Angélica Paste, Beatriz Fernandes de Souza, Bruna Santos Moura, Caio Porto de Castro, Catharina Mehmeri Gusmão Lisboa, Ceuci de Lima Xavier Nunes, Euclimeire da Silva Neves, Francisco Israel, Gabriel Freitas da Silva, Hellen de Andrade Moura, Joanna Patriarcha Guimarães, João Felipe Vasconcelos Anjos, João Paste, Júlia Moreira Pescarini, Kamila Verena de Jesus Vitória, Lucas Böttcher, Luis Eugenio de Souza (coordenador), Manoel Barral-Netto, Maria Vieira, Mariana Souza Santos Oliveira, Mariza Ribeiro Donato, Matheus Henrique Santana Toledo Piza Pimentel, Natália Machado Tavares, Niara da Silva Menezes Arapiraca, Paula Leal, Shirley Andrade Cruz e Viviane Boaventura.

PROJETO ANÁLISE DE MODELOS E ESTRATÉGIAS DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE DA PANDEMIA DA COVID-19 (2020-2022)

Coordenação Geral do Projeto: Isabela Cardoso de M. Pinto

Colegiado Gestor: Carmen F. Teixeira; Isabela C.M. Pinto; Jairnilson Silva Paim, Ligia Maria Vieira da Silva, Luís Eugenio Portela de Souza, Rosana Aquino, Glória Teixeira, Mariluce Bomfim de Souza, Marcelo Castellanos, Ligia Rangel, Monique A. Esperidião e Marcele Paim.

Pesquisadores: Acácia Lima, Ademar Arthur C. Reis, Alain Coulon, Ana Cristina Souto, Ana Flávia Cruz, Ana Luiza Vilasboas, Ana Maria Teixeira, Ana Paula dos Reis, Angélica Menezes, Áurea Paste, Bruno Guimarães, Caio Castro, Camila Bulcão, Catharina M. Soares, Ceuci Nunes, Cleber Cremonese, Cristiane Abdon, Denise Nogueira Cruz, Ediná Costa, Ednir Souza, Eliana Costa, Erica Bowes, Erick Lisboa, Erika Aragão, Estela Aquino, Gerluce Alves Pontes, Iracema Viterbo, Jamacy Costa Souza, Janete Castro, Joilda Nery, Júlia Pescarini, Kátia Medeiros, Laise R. Andrade, Liliana Santos, Lívia Silva Angeli, Lucas Bottcher, Manoel Barral Netto, Márcia Costa, Marcio Natividade, Maria Clara Guimarães, Maria da Conceição N. Costa, Maria Guadalupe Medina, Monica Angelim, Morena Rezende, Natália Tavares, Rosana Lopes, Sandra Garrido de Barros, Shirley Cruz, Silvana Vieira, Sisse Santana, Sônia Chaves, Soraya Belisário, Tania França, Thadeu Borges Santos, Thais Regis Aranha Rossi, Viviane Oliveira, Yara Oyram e Zulmira Hartz.

Equipe de Comunicação: Diego Corrêa, Egberto Siqueira, Gilson Rabelo, Inês Costal, Patrícia Conceição, Robério Lopes e Sérgio Santana.

Instituições Parceiras: Centro de Integração de Dados e Conhecimentos em Saúde (Cidacs/IGM/Fiocruz-Ba), Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães/Fiocruz, Instituto Couto Maia, Instituto de Física (UFBA), Instituto de Medicina Social (IMS/UERJ), Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (SESAB), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Nova de Lisboa.

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

UFBA Universidade Federal da Bahia

Instituto de Saúde Coletiva - UFBA

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES

MINISTÉRIO DA SAÚDE

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL